



Blumenau

em Cadernos

TOMO IV — FEVEREIRO 1961 — Nº 2

« SAMARCO »

S. A. Marítima e Comercial

ITAJAÍ

BLUMENAU

Despachos, Navegação, Representações
Conta própria
Agentes e Representantes de:

HAMBURG - SUEDAMERICANISCHE DAMPSCHIFF-FAHRTS GESELISCHAFT, de Hamburgo — Serviço regular de cargas e passageiros entre Itajaí e os portos alemães, holandeses e belgas, com os modernos navios "Babitiona", "Burg Spangenberg" "Belgrano".

BRODIN-LINE, STOCKHOLMO — Serviço rápido semanal de cargas entre Itajaí e os portos norte-americanos Baltimore, Philadelphia, New York e Boston e os portos de Montevideo e Buenos Aires com os modernos navios "Lia", "Yvonne", "Itajaí", "Paranaguá", "Antonina", "Ilhéus" e os navios da

SVENSKA ORIENT LINIEN, GOTENBURGO: "Sagoland", "Skogaland" e de outras linhas suecas.

ROTTERDAM - ZUID - AMERICA LIJN, ROTTERDAM

CIA. NACIONAL DE NAVEGAÇÃO COSTEIRA, Rio de Janeiro — Serviço de carga entre Itajaí ao Rio de Janeiro e os portos do Norte do País.

Representa ainda as seguintes firmas:

THEODOR WILLE, Hamburgo — **WESSEL, DUWAL & CO. INC.**, New-York, **B. T. BABBIT INC.** New-York; **LIVONIUS & CIA.** Blumenau. Distribuidores dos afamados produtos "JEEPS" para o Estado de Santa Catarina da **WILLYS OVERLAND EXPORT CORPORATION**, Toledo, Ohio, U.S.A., **KAYSER-FRAZER** e **WILLYS OVERLAND DO BRASIL S/A** — São Paulo.

ITAJAÍ

Rua Cel. Eugênio Mueller, 53
Caixa postal, 66
Telefones: 380/213

BLUMENAU

Rua Quinze, 1405/1393
Caixa Postal, 590
Telefone: 1284 A. B. C.

BLUMENAU

em CADERNOS

Tomo IV

FEVEREIRO DE 1961

N.º 2

BOTÂNICOS NO BISSECCULAR "CAMINHO VELHO"

Pe. Raulino REITZ

Diretor do Herbário "Barbosa Rodrigues", Itajaí

Já na metade do levantamento da vegetação catarinense chegou também a vez de visitar o Monte Crista e o Morro do Iquererim, ambos na abrupta Serra do Mar ao norte de Joinville, que estão dando uma ótima contribuição para o aumento do número de espécies da flora de S. Catarina. Através dos serviços do Herbário "Barbosa Rodrigues", em companhia do botânico Roberto Miguel Klein, estou visitando cada mês, uma por uma, durante o ciclo de um ano as cerca de 70 Estações de coleção espalhadas em tôdas as regiões fitogeográficas do Estado de S. Catarina.

Em 1956, também em companhia do Dr. Lyman B. Smith, botânico do Instituto Smithsonian de Washington, foi visitado uma meia dúzia de vêzes o Morro do Iquererim (1516 m), ponto culminante da Serra do Mar no norte do Estado de Santa Catarina. A descoberta de uma porção de novidades botânicas me levaram a fazer, na mesma Serra, uma nova série de excursões em 1960 e 1961, mas subindo desta vez pelo "Caminho Velho", nome certo do antigo caminho de Três Barras (Município de S. Francisco do Sul) a Curitiba cuja construção foi iniciada há 220 anos e servia para suprir de produtos serranos, como carne, e erva mate, a cidade de S. Francisco do Sul.

O "Caminho Velho" foi construído no sistema inca, pelo menos nos aclives e declives, onde é calçado de pedra e, nas rampas mais fortes, em degraus de pedra. Há canalização de água, passando as águas pequenas por cima do caminho e as mais fortes por baixo. Os rios maiores são atravessados a vau. Perto do Rio Lorena há um regato forte que passa canalizado por baixo do calçamento. A largura do calçamento é de 16 palmos (3,52 m). As pedras em geral são bem volumosas e irregulares, sendo colocada a parte mais plana para cima. A um indivíduo que teimava ser aquele calçamento feito pela natureza o vaqueano respondeu, mostrando nalgumas pedras o vestígio da broca do caneteiro: eis a marca do dedão de quem escorregou quando a pedra estava lisa.

Pelo que contam os antigos o "Caminho velho" foi iniciado a 220 anos, portanto no tempo do Brasil colônia de Portugal, pouco antes do governo do Marquês de Pombal e pouco depois da imigração açoreana no litoral catarinense. Graças a uma minuciosa busca de documentos existentes em S. Francisco do Sul, e consulta dos livros de Saint-Hilaire e Léonce Adubé, nosso ilustre patricio e historiador Carlos da Costa Pereira encontrou diversos dados históricos que podemos ler no interessantíssimo artigo entitulado "A antiga estrada de Três

Barras (Picada de Monte Crista)", publicado no Boletim nr. 15 (Jul.-Set. 1960) do Centro Excursionista "Monte Crista". Vou transcrever alguns dados históricos desse trabalho.

"A primeira notícia relativamente a essa estrada, ou, melhor, a esse caminho, data de quase 203 anos. A 24 de dezembro de 1757, o ajudante Antônio Pereira da Silva compareceu à Câmara da vila de São Francisco e declarou que a ocasião não era favorável aos trabalhos de "abertura do caminho da serra devido às trovoadas e ventos de nordeste que lançavam na obra grandes nevoeiros e bastante imundície, e que só depois da Páscoa era tempo conveniente para esse trabalho", tendo a Câmara concordado com o parecer do referido ajudante.

"No ano seguinte, a 6 de maio, a Câmara mandou vir à sua presença João Mor Vieira e incumbiu-o de abrir a picada de Curitiba, tendo aquele pedido cinco homens naturais da terra para esse trabalho. A Câmara arranjou-lhe cinco homens e forneceu-lhe 5 alqueires de farinha, 200 peixes e uma libra de pólvora e chumbo, devendo João Mor aprontar-se, a fim de seguir para o mato depois das oitavas.

"No largo período de 39 anos, isto é, de 1758 a 1797, nada se encontra sobre essa via de comunicação. Mas, a 25 de fevereiro desse último ano, a Câmara punha em praça o contrato da carne, ficando o arrematante "obrigado a ter sempre gado para matar e que trará sempre de Curitiba gado gordo e bois capados", e, a 15 de maio de 1799, Manoel Francisco Leite era nomeado juiz pedâneo, no distrito de Gibraltar, termo da vila de São Francisco, a fim de ali, com o seu escrivão, fiscalizar, não deixando extraviar-se, "as congonghas vindas da vila de Curitiba, de que há obrigação pagar subsídios (impostos) à Câmara, por ser bem constante que naquele distrito, por onde passam as ditas congonghas, se extravía a maior parte delas antes que cheguem a esta vila".

"Por aí se vê que era mais ou menos freqüente o comércio mantido por este caminho entre as vilas de Curitiba e São Francisco. Entretanto não havendo verba para conservá-lo, no fim de certo tempo ficava ele quase intransitável, segundo informação prestada a Auguste de Saint-Hilaire, naturalista francês, que, em 1820, percorreria o Sul do Brasil. Disseram-lhe que, nesse caminho, que começava na paróquia de São José dos Pinhais e terminava mais ou menos no litoral, num ponto correspondente à ilha de São Francisco, — em certo trecho de três léguas tornava-se preciso conduzir a carga nas costas e os índios, inimigos dos brancos, algumas vezes apareciam por ali. — "Como quer que seja — conclui Saint-Hilaire — era por esse caminho que, em 1820, São Francisco recebia de Curitiba carne seca, mate e toucinho".

"... a 23 de março de 1853, Lourenço Manoel de Lima e Francisco José de Souza avaliaram os consertos do caminho de Curitiba, pelo lugar antigo, com 16 palmos de largura, com carrascal, cêrca nas cabeceiras do ... (ilegível), desvio das tropas que se encontrarem, a partir de baixo até o lugar Lapinha, onde antigamente chegavam os animais, tudo pela quantia de 1:800\$000, sendo no dia seguinte, 24 de março, arrematado o serviço por Antônio Machado Lemos pela quantia de 1:795\$000.

"Por fim, a 1.º de março de 1842, o presidente da Província dava conhecimento à Assembléia Legislativa que a estrada de Curitiba estava concluída, declarando, entretanto, Léonce Aubé que, não obstante concluída, ela jamais se tornava transitável. Registrando a informação de Aubé, concluiu Saint-Hilaire, que essa asserção era corroborada pelo próprio Presidente da Província, quando, em relatório de 1.º de março de 1847, dizia que o governo imperial incluira o caminho de Três Barras no número das estradas gerais, isto é, de 1.ª classe, e consignara 4:000\$000 para a realização das obras que ali deviam ser feitas."

E assim conclui C. C. Pereira o seu artigo: "A verdade é que essa via de comunicação nunca chegara a prestar os serviços que dela se esperava e acabou sendo definitivamente abandonada. E do antigo caminho restam apenas quêles degraus de pedra que várias vezes os consócios do Centro Excursionista Monte Crista têm galgado em suas excursões..."

Este "caminho velho" serviu de rota aos botânicos que buscavam os campos da Serra do Mar para estudar e colher plantas. Paulo e Rodolfo Schmalz, residentes outrora em Joinville, subiram-no diversas vezes para colherem samambaias e insetos que foram objeto de estudos publicados em revistas científicas européas.

Com o estabelecimento duma Estação de coleção no plano do estudo da Flora Catarinense no Monte Crista e outra mais no interior, no Morro do Campo Alegre com cêrca de 1.300 m, iniciei a série de excursões naqueles páramos subindo com o botânico Roberto Miguel Klein e três carregadores, aquêles degraus de pedra bisseculares, carregando todos nós de 15 a 25 kg de matalotagem nas costas. Para que o acesso ficasse mais fácil contratei por Cr\$ 6.000,00 a roçagem de tôda a subida, o que foi imediatamente feito. Poderão os sócios do Centro Excursionista "Monte Crista" subir agora descansadamente o "caminho velho", pois acha-se todo desobstruído, não sendo mais necessário saltar por sôbre os grossos troncos de árvores derrubadas pelas tempestades ou ladear enormes tranqueiras.

* * *

Vista do "caminho velho", no alto da Serra do Mar, ao norte de Joinvile. Foi tirada junto do Rio dos Alemães, não longe do morro Iquererim (1516 m.). Este caminho foi construído há 220 anos e era a primeira via que ligava a então Vila de São Francisco do Sul à vila de Curitiba, hoje capital do Paraná.

Tôda a subida da Serra do Mar até 1300 m. acima do nível do mar e também as subidas dos morros menores foram calçadas numa largura de 16 palmos (3,52 m).

Este caminho, construído no sistema Inca ainda se conserva hoje, apesar de abandonado.

Na foto, vêm-se os rudes degraus de pedra novamente pisados pela comissão de botânicos do Herbário "Barbosa Rodrigues", que está explorando esta interessante Zona (Foto Reitz).

* * *



O itinerário do "caminho velho" que ligava S. Francisco do Sul à Lapa ou Curitiba via São José dos Pinhais é o seguinte: De São Francisco do Sul ia-se de barco até o Pôrto da Barca. Dêste pôrto seguia um caminho ao Pôrto da Missa. Daqui o caminho costeava o Rio Três Barras pelo lado sul atravessando-o na localidade Unha de Gato. Dali em diante cruzava-o diversas vêzes e, pela última vez, junto à barra do Rio do Crista. Daí seguia entre os rios Crista e Três Barras até a Lapinha que é uma enorme rocha de granito com um folgado abrigo, lugar obrigatório de descanso já que passa um regato refrescante. Indo para frente já aparecem as ladeiras calçadas de pedra granito. Contam os antigos que o operário dêste caminho que trabalhava no barro perbebia 8 vinténs e o da pedra 16 vinténs. Passa-se o Pé da Serra, o 1.º Des-

canço, o 2.º Descanso, a Pedra Grande, chegando em seguida o comêço do campo. O novato em vez de seguir o "caminho velho" prefere subir pelo campo até chegar ao tôpo do Monte Crista onde poderá observar a bela rocha chamada "Cabeça de negro" que, devido à sua altura, é vista desde a estrada de Joinville-Curitiba, na planície. O panorama é estupendo. Andando sempre para frente chega-se ao Lajeado, tendo nós erguido a barraca num capão um pouco à frente.

Continua o caminho atravessando o Rio Lorena, o Rio Manoel Joaquim, subindo bastante até o Morro Campo Alegre cujo pico alcança seus 1.300 m. Atravessa-se a Restinga do Tigre, o Rio dos Alemães onde morreram 2 alemães abraçados numa tempestade de neve. Em seguida vê-se o rancho dos vaqueiros que agora foi reformado, única construção existente em tôda aquela Serra. É somente habitado nos dias de rodeio de gado. Atravessa-se o Rio Iquererim, onde, num lugar mais abaixo, a lenda diz que está enterrado no fundo do rio um burro de ouro que, ao atravessar o rio, afundou.

Vem em seguida Cachoeira, Morro Grande e o Rio Negro que faz a divisa entre S. Catarina e Paraná. O "caminho velho" ladeia êste rio por muitos quilômetros até Postema, passa o Rio Negro, entra no Estado do Paraná bifurcando-se para sair um ramal em direção de Lapa e outro para S. José dos Pinhais e depois Curitiba.

A caminhada, desde onde fica o Jeep na planície bastante perto da estrada Joinville-Curitiba até a chegada no campo, é de 5 horas, contando algum descanso obrigatório, porque a subida é estafante. Na descida vence-se o mesmo trecho em três horas. Da saída no campo até o rancho dos vaqueiros perto do Rio Iquererim são mais 4 horas de caminhada. Para descer desde o rancho até a primeira casa junto ao Rio Negro são mais 5 horas, de modos que na travessia da Serra do Mar pelo "caminho velho" gastam-se cêrca de 14 horas numa firme caminhada com rápidos descansos.

Por serem completamente desabitadas aquelas paragens e por passar nelas a rota de um caminho bissecular o povo acredita aparecerem aí espíritos, quedas de chuvas de pedra, etc., que denominam "significança". Cuidam êstes espíritos dos "guardados", isto é, do ouro ou dinheiro escondido, segundo a lenda, pelos jesuitas. É comum observarem-se cavações, buracos às vêzes fundos onde alguém, com diversos homens cavara até durante semanas.

O certo é que um "guardado" foi por mim achado, não de ouro amarelo, metálico, mas de ouro verde, vivo, que são as plantas interessantes e novas que aí descobri.

:—★—:

A Estrada de Ferro D. Pedro I, que devia partir de S. Francisco e, passando por Joinville e Blumenau, destinava-se a ligar Santa Catarina ao Rio Grande do Sul, atravessando todo o interior dos dois Estados. Os estudos preliminares começaram em 1884. O projeto, entretanto, não foi concretizado porque se manifestou contra a sua utilidade a comissão fiscal do govêrno, encarregada de examinar o traçado e dar parecer sôbre os resultados comerciais e econômicos que adviriam às duas províncias e aos cofres gerais, especialmente. Daí resultou que, alguns anos mais tarde, o país teve que pagar grossa indenização aos concessionários e empreiteiros dessa estrada.

:—★—:

EM 1916, o município de Blumenau contava com 116 estabelecimentos de ensino com 134 professores. Com êsses professores e mais o custo da conservação dos prédios, dispendia-se mensalmente 108 contos de réis. Vários dêsses estabelecimentos eram mantidos pelo govêrno, como o Grupo "Luiz Delfino" com 7 professores e 265 alunos, mas a quase totalidade eram escolas particulares mantidas pelas paróquias católicas, comunidades protestantes e pelas "Schule Gemeinde".

19.º JOÃO GOMES DA NÓBREGA 1934 a 1935



Em substituição ao capitão Antônio Martins dos Santos, a Interventoria Federal no Estado, nomeou, a 20 de agosto de 1934, o sr. João Gomes da Nóbrega para as funções de prefeito municipal de Blumenau.

Descendente de tradicional família de São Francisco do Sul, onde nasceu, Nóbrega veio para Blumenau em 1929, trazido pela Companhia Geóbra para trabalhar na construção da ponte metálica da Estrada de Ferro Santa Catarina, sobre o Itajaí-Açu, próxima à estação dessa ferrovia.

Posteriormente, foi nomeado representante, para Santa Catarina, dessa importante companhia construtora, que tinha sua sede na Alemanha.

Convidado pelo prefeito Jacob A. Schmitt, Nóbrega assumiu, em 1934, as funções de secretário do município, em

cujo pôsto se encontrava quando se verificou o desmembramento de Blumenau, em várias outras parcelas administrativas, fato que deu causa aos sérios movimentos populares, a que já fizemos menção quando tratamos das administrações anteriores. Vimos que, em virtude desses fatos Jacob Schmitt sentiu-se na contingência de demitir-se do cargo, tendo sido nomeado prefeito o capitão Antônio Martins dos Santos.

Com o recolhimento, dêsse último, à capital do Estado e ao quartel a que servia, Nóbrega foi nomeado para substituí-lo.

Exerceu o cargo de prefeito por poucos meses apenas, pois, acometido de tifo, moléstia então endêmica nesta cidade e de muita gravidade, teve que solicitar exoneração a 29 de maio de 1935.

Nesses poucos meses de direção dos negócios municipais, Nóbrega que, na época, era o prefeito mais jovem do Brasil, demonstrou ser possuidor de bastante descortino e critério, agindo sempre com cautela e cuidado na defesa dos interesses municipais.

Nomeado, mais tarde, escrivão do cível e comercial e Tabelião de Notas, exerceu esses cargos até há bem pouco tempo, quando entrou em gozo de merecida aposentadoria.

FLAGRANTES À MARGEM DA HISTÓRIA DE RIO DO SUL

Victor LUCAS

No sul eclode um movimento revolucionário. Federalistas e republicanos lutam desesperadamente pelo poder. Blumenau, verdadeira colmeia de trabalho, parecia, ainda desta vez, escapar das agitações que se generalizam, principalmente pelas províncias do sul. Assim, dentro desta aparente calma em 10 de fevereiro de 1890, foi criada a Comarca de Blumenau. Assume a promotoria, Manoel Agostinho Demoro e é nomeado Sub-delegado H. F. Schmidt Ato contínuo, como que revitalizado pela nova ordem estabelecida, Blumenau, ou a Intendência Municipal de Blumenau, faz público que, conforme a lei, agora em vigor, deverão ser afastadas todas as porteiças na estrada geral que, além de representarem um entrave bastante incômodo, principalmente aos veículos, já não se coadunavam mais com o progresso da colônia, Blumenau, que tomou foros de cidade, entrou numa nova fase de desenvolvimento e, mais que nunca, sua atividade se irradia para toda a colônia. Ainda dentro da nova ordem, a 1.º de março de 1890, em ofício do governador, é autorizada a Sociedade de Gustav Salinger a cobrar impostos sobre a estrada de Curitiba-Lages, construída às expensas da mesma e cujos trabalhos já iam bastante adiantados, aproximando-se do Rio dos Bugres, hoje Apiúna. A 25 de abril de 1890, Leopoldo Knoblauch, antevendo um grande futuro para Pouso Redondo, requer 100 hectares de terra, em Ribeirão das Pombas, onde mais tarde fixa residência, estabelecendo, com Carlos Peters, um novo núcleo de colonização, nas cabeceiras dos afluentes que despejam suas águas no rio do Oeste. Nesta época, ou seja, exatamente, em 24 de maio de 1890, é publicado o orçamento do Município de Blumenau, cuja receita ascende a Rs. 7.194\$747; as despesas previstas para o mesmo ano sobem a Rs. 3.338\$159, com o que é estabelecido um superavit de Rs. 3.856\$588. Mas Blumenau não dorme sobre os louros até agora colhidos. Agiganta-se na luta pelo desenvolvimento das riquezas que ainda dormiam, inexploradas, em vastas zonas do grande Vale do Itajaí, principalmente na parte superior, ou alta, onde Rio do Sul formava, por assim dizer, um centro natural, mas ainda não reconhecido na sua verdadeira importância. A 18 de Outubro de 1890 o Governador Raulino Horn envia telegrama para Blumenau, em que comunica que recebeu da capital da República a informação que ficou assentada a construção de uma estrada de ferro, que não só ligaria o Estreito a Blumenau, mas continuaria sua trajetória, rumo à Serra, ou Rio do Sul, o que provoca grande júbilo em Blumenau. Não posso deixar de transcrever na íntegra esse telegrama: "Destêrro, 14 de outubro de 1890. Neste momento recebo eu da Capital Federal o seguinte comunicado telegráfico: Neste instante o governo federal garantiu juros e outras vantagens para a construção de uma estrada de ferro a qual, partindo do Estreito, passará por Blumenau, atravessando a Serra, seguindo pela margem direita do rio Iguassú até alcançar a margem esquerda do rio Paraná, do mesmo Estado. De pontos especialmente designados, partirão ramais para São Francisco, e outro pelo vale do Canôas, sobre Lages, até atingir Passo Fundo, no Estado do Rio Grande do Sul. Uma nova era de progresso se abre para a nossa pátria. Aceitem as minhas entusiásticas congratulações. Viva a República! Assinado: Lauro Mueller Viva o Governador Lauro Mueller. Viva o Estado de Santa Catarina. Raulino Horn, governador". Como não podia deixar de ser, o jornal de Blumenau (Bl. Ztg. nr. 42) contagiado pelo entusiasmo do povo, por tão alviziareiras notícias e que iam beneficiar tão generosamente Blumenau, fazendo côro, comenta: "Com isso, não só os interesses de nossa colônia e os de Da. Francisca, mas também os de Destêrro, que entram com os nossos, encontraram uma solução satisfatória, que aproveitarão o Estado inteiro. Nós, blumenauenses, porém, podemos ficar especialmente satisfeitos com a solução desse projeto, que nos colocará, imediatamente, em evidência, como centro do nosso Estado. Conseguimos, assim, mais que podíamos

esperar, em nossas mais ousadas esperanças. E tudo isso, pela intervenção do nosso Governador, senhor Dr. Lauro Mueller, e como reconhecimento pelo aparecimento das eleições, com tanta ansiedade esperadas". Este telegrama, revelara-se como mera isca eleitoral, mas tiveram o condão, estas exultações, de dar aos republicanos a mais retumbante vitória, nas eleições que se realizaram em 1891 e que apresentaram o seguinte resultado: Republicanos 1849 votos. Federalistas 88 votos. O resultado bem demonstra o acerto do telegrama, enviado pelo então governador, Dr. Lauro Mueller, que laureou-se o maior cabo eleitoral do Estado; e isto com apenas um único telegrama, como o acima transcrito. Daqui em diante, não mais cessariam os apêlos, dirigidos ao governo federal, pelos representantes de Blumenau, no Congresso, para a realização desse fantástico projeto. De fato, este projeto, uma vez concretizado, viria beneficiar, grandemente, o município de Blumenau e, mais que este, esta região, cujo geográfico era Rio do Sul, situado na confluência de dois grandes rios; este lugar, que posteriormente viria a receber o nome de Bela Aliança, era tido, em Blumenau, como o fim de uma zona e não era o começo de terras nunca antes pisadas, ubérrimas e ricas em madeiras, principalmente de lei. De fato, naquela época Rio do Sul era o fim do mundo blumenauense. Somente alguns visionários vagamente começaram a vislumbrar a riqueza e o valor das terras que se situavam a oeste da Serra da Subida.

Quando se falava de Rio do Sul, nas altas rodas de Blumenau, tinha-se em mente apenas o comércio com a Serra, ou o campo. Este comércio era mantido a muito custo, pelo perigo que representava para os comerciantes. Para melhor iluminar esta época e os perigos acima aludidos, quero revelar aos meus pacientes leitores uma notícia das mais trágicas, relacionada com uma tropa de cargueiros, que descia a Serra, com destino a Blumenau. Assim o jornal "Bl. Ztg". de 22 de julho de 1891, nos dá a seguinte notícia, um tanto lacônica, mas que nos traduz a situação aqui reinante, numa época em que o velho sertanista e pioneiro, Basílio Correa de Negro, timidamente, apalpava o terreno na embocação do Rio do Oeste, ou Passo de Humaitá, enfrentando sozinho, junto com um genro e o filho mais velho, o sertão prenhe de perigos e onde existia a lei do "vale tudo". Mas vamos aos fatos: O jornal, voltando a falar num ataque de índios, que tivera lugar na estrada que ia de Rio do Sul a Curitiba, mais picadão que estrada, por onde transitava, apenas, o tropeiro com a sua mula, diz o seguinte: "Sobre o ataque dos bugres que, há tempos, abordamos e que se verificara na estrada para Curitiba, tivemos estes dias a oportunidade de ouvir um visitante da Serra, que nos forneceu alguns pormenores. Assim, esse ataque foi uma luta como o nosso Estado ainda não presenciara, pois, foram mortos 5 tropeiros e 9 bugres. Além disso, perderam-se 27 cargueiros com toda a carga. Somente um único tropeiro, gravemente ferido, com diversas frechadas, conseguiu escapar. Não se sabe ao certo se os bugres, cujo número é calculado em 300, pertencem à tribo dos botocudos, ou dos coroados, embora se julgue pertencerem aos últimos, já que falavam a língua portuguêsa. Em todo caso, foi um ato de vingança, pois, os índios sabiam exatamente onde podiam encontrar suas vítimas". Esta batalha, ou luta, deve ter sido a do "Timbézinho", tão bem narrada pelo nosso saudoso pioneiro Willy Hering, numa entrevista publicada nestes Cadernos (nr. 5-59), já que o número das vítimas e lugar coincidem, perfeitamente, com a data acima publicada. Deste combate, veio à tona mais um episódio que desejo registrar nesta oportunidade e relatado por outro velho pioneiro e sertanista (Jorge Lucas, meu pai) que, em constante contato com os tropeiros, que desciam a Serra, recebeu os diversos detalhes dessa sangrenta luta, que ficou registrada, nos anais, como a mais violenta e dramática de todas as havidas nesta região. Pelas informações verbais, recebidas sobre os acontecimentos, diz que, em certa altura do combate, quando, no fim, jaziam os companheiros espalhados pelo terreno, mortos, sobrava um, gravemente ferido e outro menos atingido. Este último, não querendo deixar o amigo, gravemente ferido e imobilizado, abandonado e exposto a uma morte certa, procurou animá-lo para que o acompanhasse. Diante dos ferimentos recebidos e vendo-se perdido, implorou ao companheiro que se salvasse e o deixasse, ali mesmo, pois, não possuía mais as forças suficientes para locomover-se, ou acompanhá-lo. Desejava morrer ali mesmo. Antes, porém, pediu ainda que o amigo, que ia em busca de socorro,

lhe carregasse as duas pistolas e as deixasse, armadas, à sua mão. Tinha êle a certeza de que os bugres voltariam para uma nova investida, quando então desejava, se para tanto lhe sobrassem forças, vingar os companheiros mortos. Pretendia fingir-se de morto para melhor iludir os inimigos selvagens. De fato, dias após, o socorro que para ali veio da Serra, encontrou o companheiro morto, tendo ao lado as duas pistolas deflagradas e mais um bugre morto. Esta parte, até então desconhecida, revela-nos o lado épico e heróico desta luta, em pleno sertão riosulense, bem como fala do despreendimento do nosso tropeiro e da ferocidade do nosso bugre. A nota publicada e os detalhes trazidos a lume por velhos pioneiros, provam-nos que os depoimentos pessoais, já publicados e os a serem divulgados, ainda neste meu desprezível trabalho, encontram a sua confirmação e não podem, portanto, ser refutados e reduzidos a simples balelas. Prova-nos, também, que nenhum colono que presasse a sua família, podia abalançar-se até esta região, onde a lei era ditada pelo gentio e onde se praticava impunemente as maiores atrocidades. É assim, de alguma forma, mais admirável ainda a teimosia do nosso velho sertanista e caboclo Basílio Correa de Negredo, e os demais que lhe seguiram no encaço, que teimavam em não arredar pé, arrostando perigos e vencendo as maiores dificuldades, laureando-se como os mais audaciosos pioneiros e sertanistas do Alto Vale do Itajaí. Abandonados em plena selva, sem que alguém lhes lembrasse os nomes e feitos, creio estar na hora de fazer-lhes, pelo menos agora, justiça. É interessante que o jornal já não mais se detém em abordar com longos comentários, esta batalha que se travara nos sertões riosulenses. Registra-se apenas e, mesmo assim, ainda lacônicamente. Não o faz, porque o interesse de Blumenau estava, nesta altura dos acontecimentos, voltado para os aspectos políticos, que acabariam, finalmente, convulsionando o país. Não pretendo deter-me, aqui, em abordar assuntos que se prendem mais a Blumenau, que ao Rio do Sul. Se o faço, será apenas o bastante, ou tanto quanto seja necessário, para melhor explicar os antecedentes relacionados com o desbravamento do grande sertão do Alto Vale do Itajaí. A paixão partidária vai envenenando, cada vez mais, a opinião pública de Blumenau, onde o jornal "Blumenauer Zeitung", editado em alemão, entra na liça com ataques arrasadores contra a monarquia; esta, por sua vez, procura reagrupar-se, conforme ressalta do manifesto lançado ao povo pelo expatriado Visconde de Ouro Preto. É decretada a separação da Igreja do Estado, o que provoca acirradas polémicas na imprensa, tendo do lado da Igreja Católica o já famoso padre José Maria Jacobs, que acabou condenado e cuja sentença encontra plena confirmação na apelação.

No mesmo ano de 1891 é fundada a "União Federalista" no Estado, tendo como principais figuras os srs. Eliseu Guilherme da Silva, José de Oliveira, Teodoro da Costa e Dr. Bayma. Era a união dos católicos e jesuítas contra os republicanos. No interim, assume o governo Floriano Peixoto, que provoca a queda do governo do Estado, já republicano, mas com as suas simpatias voltadas para os federalistas. Tropas revolucionárias entram na vila de Blumenau e provocam depredações e o completo empastelamento do jornal "Blumenauer Zeitung", queimando o arquivo e destruindo as máquinas. Foge o seu diretor responsável, que se une às forças republicanas. Restos do corpo de polícias, fiéis ao governo Machado, em número de 215, ameaçam tomar e saquear Blumenau. Blumenau chama voluntários, que aparecem em grande número e, possuídos da maior animação de luta, enfrentam, devidamente entrincheirados, os policiais, travando, a 28 de julho, uma luta acesa, com cerrado tiroteio, e que resultou na fuga desse grupo, cujo fim, conforme as notícias divulgadas, era o saque da vila de Blumenau. É compreensível que o pânico se alastrasse pela vila. Sobre esta luta, temos uma crônica, já publicada nestes cadernos (nr. 9-9-60) pela escritora e historiadora Gertrudes G. Hering, com todos os pormenores e os lados mais pitorescos deste encontro. O empastelamento do jornal republicano, deixa Blumenau ao léu dos boatos. Mas, com alguma paciência, foi-me possível reconstituir, ainda, os seguintes fatos ligados a Blumenau e à nossa "bela adormecida" Rio do Sul. Em 15 de Abril de 1893 é publicada a notícia de que, brevemente, terá início a construção da linha telegráfica, que ligaria Blumenau a Lages, por ordem e inspiração do nosso representante no Congresso Federal, Dr. Lauro Müller. Em 27 de maio de 1893 é publicado, em Blumenau,

um edital, onde o cidadão Henrique Probst, Presidente da Câmara de Blumenau, pede propostas de indenização de proprietários por onde passa a referida linha telegráfica, que é construída debaixo da orientação do engenheiro Emilio Odebrecht. Em junho de 1893 Blumenau assiste o primeiro choque entre federalistas e governistas, pela chegada de Hercílio Luz e Dr. Cunha, que se encontravam presos no Rio de Janeiro. Houve feridos. Pela fuga dos policiais que ocuparam Blumenau, voltou a calma ao arraial. No mesmo mês é fundado o jornal mais famoso de Blumenau, o "Der Urwaldsbote", extremamente germanófilo. No mês de outubro de 1893, a Assembléa, que funcionou debaixo do governo revolucionário, votou o projeto da criação do Município de Indaial, nomeando logo a Intendência nas pessoas dos srs. Keunecke, v. Ockel, Hoeschl, Kleine, Heidorn e Struwe, ordenando ao mesmo tempo as eleições para 31 de dezembro de 1893.

Este decreto, porém, como se tratasse de um Congresso revolucionário, não teve força legal, tanto assim que esta prematura emancipação de Indaial e concomitantemente, também de Rio do Sul, que ficaria sob a jurisdição d'este último município, teve uma vida muito curta, para a sua felicidade. Estava a luta no auge e Blumenau teria que suportar, por algum tempo ainda, o peso desse movimento de forças. A 16 Dezembro de 1893, Pinheiro Machado, à frente das tropas republicanas, num manifesto e proclamação dirigidos ao povo de Blumenau, deixa antever um breve fim dessa luta fratricida. Tratando-se de um documento histórico, único no gênero, e de grande significação política, não posso deixar de transcrevê-lo na íntegra. Esta proclamação dizia: "Em nome das forças da Divisão do Norte, agradecemos a larga hospitalidade que nos foi dispensada pelos habitantes de Indaial, Blumenau e Brusque. Após a marcha penosa por extenso deserto, onde nos faltaram, mais de uma vez, os recursos de subsistência, deparamos, já exaustos, com a zona rica, ubérrima, da colônia de Blumenau, dotada, a mãos largas, pela natureza, de espantosa feracidade. Oasis depois do Sahara. A fecundidade do solo é aumentada pelo labor inteligente de uma população ativa, industrialista, generosa e boa. Quão encantadora foi a impressão que de todos nós se apodereou ao encontrarmos tão nobre terra. A alma fadigada pelas asperezas da jornada, alegre e amorosamente se espreguiçou no amplexo fraternal do povo varonil e nobre. Não mais olvidaremos tão amistoso acolhimento. Ao regresso aos lares, depostas as armas, após o triunfo, no remanso da família, e da paz, rememoramos ao Rio Grande quanto devemos aos habitantes destas futuras colônias. Pinheiro Machado". Do mesmo dia, 14 de Dezembro de 1893, consta ainda a seguinte Ordem do Dia: "Ordem do Dia nr. 17. — Para conhecimento das forças sob meu comando faço público o seguinte: Após fulgurante vitória de Itajaí, foi a este Comando destinado mais uma importante comissão, aceita por todos com grande satisfação. Coube a esta 4.^a Brigada vir pressurosa, de arma ao ombro, enfileirar-se ao lado dos filhos de Blumenau, para defesa d'este sagrado torrão. Soldados da 4.^a Brigada! O povo de Blumenau vosso hospedeiro, cavalheiresco, está ameaçado. Corramos em seu auxílio. Como sempre, um por todos, todos por um. Soldados! Enquanto durarem as nossas operações em Blumenau, terra amiga, em armas pela República, seu torrão, como manda nosso dever de mantenedores da ordem e das instituições, é sagrado e sua propriedade inviolável. Aparentamento: Artigo único — Dentro dos limites da ex-colônia Blumenau, aquêle que, de qualquer modo, atentar contra a propriedade pública, ou particular, será punido com as penas militares mais severas, indo o castigo desde a simples prisão até o fuzil. Salvador Pinheiro. Coronel Comandante".

: — — — ★ — — — :

O oficial do Exército Firmino Lopes Rêgo, que, como tenente, teve papel saliente em Blumenau, na época da revolução de 1893, e, também, que comandou o destacamento que teve de manter a ordem entre os amotinados colonos de Warnow, em 1883, chegou a ser vice-governador no período de governo de Felipe Schmidt, (1898-1902), reformou-se como marechal, na administração Hermes da Fonseca e faleceu em Florianópolis.

A Loja Maçônica “Zur Friedenspalme”

K. PROBER

(M. V. St. “Concordia et Humanitas”)

Pouca gente sabe que, em 1870, quando Blumenau era ainda uma pequena povoação, foi aí fundada uma loja maçônica e que o seu fundador foi o Dr. Blumenau.

Tentaremos apresentar, aos nossos leitores, alguns dados históricos sobre essa fundação e, assim, ventilar um capítulo da história blumenauense que, lamentavelmente, ficou esquecido nas comemorações do centenário de 1950.

No “Livro do Centenário de Blumenau” foi, também, esquecido o fato do nascimento, aqui, de um filho do Dr. Blumenau — Otto G. H. Blumenau — que veio à luz em 3 de março de 1874 e que morreu pouco depois e foi sepultado no nosso cemitério evangélico e cujo túmulo está completamente esquecido.

O dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, nascido a 26 de dezembro de 1819 em Hasselfeld, no Harz, quando chegara em Santa Catarina, em 1847, onde êle, já nos anos próximos, associado a Fernando Hackradt, montou um engenho de serrar, na barra do Velha, já pertencencia à maçonaria, inscrito na célebre loja “APSALON ZU DEN 3 NESSELN”, de Hamburgo.

O dr. Blumenau mesmo deve ter fundado em 1870 a loja “ZUR FRIEDENSPALME”, de Blumenau, podendo-se estabelecer a data da sua fundação em 24 de junho de 1870, embora o Calendário Maçônico Alemão consigne a data de 24 de junho de 1885.

Parece-me que êsse ano de 1870 é, realmente, o da fundação, porque, primeiramente o dr. Blumenau não poderia ter fundado essa loja após sua volta definitiva à Alemanha e depois porque foi encontrado, entre os papeis do irmão Stutzer um recibo referente a contribuições no montante de 16\$000, datado de 31 de dezembro de 1883, de onde se infere, indubitavelmente, que em meados de 1883 já a loja estava em atividade.

Em todo caso, sabemos com certeza que, em 1883, quando da instalação do município, a “FRIEDENSPALME” tinha a seguinte direção: Mestre, dr. Hermann Blumenau; 1.º e 2.º vigilantes: Wilhelm Scheeffler e Friederich van Ockel e secretário: F. Bockelmann. E os irmãos: Luiz Altenburg sênior, Gustavo Salinger e Pedro Feddersen.

Pouco depois da partida do dr. Blumenau, que seguiu a família que já se transferira em 1882, foi feita uma nova eleição, em 1886, sendo eleita a seguinte direção: Mestre: Wilhelm Scheeffler; 1.º e 2.º vigilantes, Friederich v. Ockel e Luiz Altenburg sênior; secretário, Gustavo Salinger e tesoureiro Abraham Meliola. Outros irmãos: F. Bockelmann, Franz Lungershausen, Levy Blumberg.

Sobre as atividades da Loja, muito pouco se conhece, pois, naquele tempo, os trabalhos eram sigilosos, embora isso não fôsse usual no Brasil, pois a maçonaria nada tem que esconder, e que hoje é até tido como uma falha e um entrave na difusão do pensamento maçônico.

Posso, entretanto, selecionar alguns dados interessantes: A loja funcionava numa antiga casa de colono, que ainda hoje existe, e é a

casa da rua Itajaí n.º 516, depois adaptada a um asilo de velhos e que ainda hoje serve de moradia. A contribuição mensal do irmão era de \$800 e oficiava-se de acôrdo com o ritual de Schroeder.

Apesar do Grande Oriente do Brasil a isso ter direito, a loja a êle não foi filiada e, sim à Grande Loja de Hamburgo que fornecia, também, os necessários certificados.

Dêstes, conhecemos um único exemplar, passado em 13 de março de 1886 ao irmão Otto Stutzer, já pelo mestre W. Scheeffler e que tem o número 1066.

Otto Stutzer, nascido a 13 de fevereiro de 1836 em Seesen, no Harz, era filho de um pastor evangélico e veio para o Brasil em 10 de agosto de 1856; trabalhou alguns anos na serraria do dr. Blumenau e já em

Plaquete mandada gravar e fundir na Alemanha, pelos "irmãos" da FRIEDENSPALME, comemorativa da morte do dr. Blumenau, seu fundador. Vê-se, na lapela, o distintivo da loja blumenauense, também cunhado na Alemanha.

A autoria da plaquete é de Max von Kawaczynski. E' a seguinte a inscrição: "Herm. Bruno Otto Blumenau Dr. Phil. 25-12-1819 - 31 Okt. 1899, datas do nascimento e morte do fundador de Blumenau.



1870 exercia as funções de juiz de paz da colônia Blumenau. De 1875 a 1881 trabalhou na construção da estrada para Curitiba e em 1882 foi eleito vereador. Foi superintendente municipal de 1895 a 1898 e faleceu a 28 de fevereiro de 1927, na idade de 91 anos.

Também o pastor Oswaldo Hesse era irmão da "Friedenspalme".

O dr. Frederico Zimmermann possui o único exemplar existente do distintivo da loja, cunhado na Alemanha e também uma das pouco conhecidas plaquetes que os irmãos da "Friedenspalme", por ocasião do falecimento do irmão Blumenau, a 31 de outubro de 1899, mandaram fundir em bronze e que foi gravado por Max v. Kawaczynski.

Pouco depois, por volta da entrada do século, a loja cujo mentor fôra, até a sua morte, o dr. Blumenau, paralisou-se, embora figure até o ano de 1901 nos Calendários Maçons.

Esperamos que os irmãos da "FRATERNIDADE BLUMENAUENSE", especialmente e os da "JUSTIÇA E TRABALHO" orientem dignamente a herança do fundador de Blumenau.

A "GUITARRA"

H. AICHINGER

Alvino Marx é trabalhador da minha fábrica de caixas e opera a serra ajustadora.

Nele, nada há de extraordinário a se notar, além de que é uma pobre e despreocupada criatura, um homem ordenado e honestíssimo em questões de dinheiro e de trabalho, virtudes que herdou de seu pai, que também se chamava Alvino, e que nada tinha a ver com o nosso particular amigo Karl Marx, inventor de uma teoria social-comunista, ainda em voga; que não é de crença judaica, mas, simplesmente, um judeu cristão.

Entretanto, não gostava, em absoluto, de ultrapassar, nem um instante, as horas de serviço e, ao contrário dos demais trabalhadores, abandonava, imediatamente o trabalho quando soava a oitava hora do seu turno.

Tôda a vez que eu o encontro no portão, dirijo-lhe a palavra:

— Então, Alvino, já estás de nariz cheio?

E sempre êle me responde, rindo:

— Jawoll! Sim, senhor, de nariz cheio...

Hoje, entretanto, inventou uma variante. A minha habitual pergunta, respondeu:

— Eu, agora, entrego tudo à sorte.

— Como, à sorte? retruquei-lhe.

A resposta veio pronta:

— Jogo o meu boné para o ar. Se êle não cair, continuarei trabalhando...

Certamente que êle leu isso, agora, em alguma parte, pois, do contrário, já se teria saído com a pilhéria há muito tempo.

Aliás, êle é um sujeito bem suportável, sempre contente e obsequioso. Quem quer que êle encontre na rua, cumprimenta, mesmo que o não conheça.

Certa ocasião, êle comprou uma bicicleta. E montou-a, ansioso, embora não estivesse muito firme no equilíbrio. E nunca andava montado sem um apito na boca.

De uma feita, lá ia êle, na bicicleta, com o indefectível apito entre os lábios, quando teve que cumprimentar um passante. Com a saudação, caiu-lhe o apito da boca. No querer apanhá-lo, porém, perdeu a direção e deu com os costados no chão. Na queda, fraturou um braço.

— Engraçado! disse êle ao se erguer. Engraçado que a gente, só por causa de um apito tenha que quebrar o braço...

O papai Marx tinha, junto à estação, uma pequena hospedaria e botequim e, também, uma bíblia. Entre as folhas desta, êle costumava guardar as notas novas que vinham ter ao seu boteco.

De tempos em tempos, êle tomava do ferro de engomar e passava, com muito carinho, as suas queridas notas que, de tanto serem recontadas no silêncio do seu quarto, ficavam meio amarradas nos cantos. E como, ao contá-las, êle sempre molhava os dedos na própria saliva, as notas tinham, de quando em vez, que sofrer uma lavação

e uma passagem de ferro, bem em regra, de sorte a não deporem contra a dignidade do seu lugar de repouso, a santa bíblia.

Sim, a bíblia! Casa onde não há bíblia, é um deserto, uma tristeza, onde o diabo entra facilmente, etc. etc.

Pois não é que, apesar da bíblia, certa vez, o diabo entrou no botiquim de Marx, na figura de um brasileiro misterioso que, tôdas as noites, lidava com uma máquina que fazia um ruído esquisito?

O nosso bom papai Marx observava-o já, há algum tempo, através de uma pequena fresta, na parede de madeira, e que êle ia sempre alargando mais, a fim de melhor observar o intrigante e misterioso trabalho.

Em pouco tempo, êle não pôde mais se conter, tanto mais que o seu hóspede lhe pagava, diariamente, a conta e sempre com fulgurantes notinhas novas de dez mil réis, vindas diretamente da fábrica...

E a bomba estourou. Marx comprou a máquina e lá se foi, na transação, o precioso conteúdo da bíblia. E êle ainda se obrigou a não fazer a máquina funcionar durante três dias, para que as autoridades não viessem a desconfiar do vendedor.

Essa última foi, certamente, a condição mais penosa a que o papai Marx já se sujeitara na vida.

Mas, como tudo passa, também passou o terceiro dia.

E, com mão trêmula, nervoso, deu Marx uma rodada na máquina. Apareceu a primeira notinha de dez, nova em folha. Mais outra rodada, com mais coragem e segurança, e salta outra nota da máquina.

Seu coração se enchia de claridade e de satisfação. Mais uma rodada, e a terceira nota também salta fora. Mais outra... e nada. Desta vez nada e nada das outras vêzes.

— Ué! exclama Marx, boquiaberto...

Infelizmente, êle não pôde dar queixa à polícia. Marx sempre fôra um sujeito esperto. Porque não desconfiara de nada, então, antes que a coisa sucedesse? Bastou que o homem pusesse a máquina em movimento para que o conteúdo da bíblia se evaporasse...

É que o seu cérebro não sabia raciocinar, longe do seu paraíso de notas...

Sim, senhores, o amor ao dinheiro, como muitos outros amores, deixa a gente cega.

—————★—————:

EM abril de 1883, Bernardo Scheidemantel, fotógrafo e litógrafo, deu à publicidade o "Immigrant", semanário destinado a combater as idéias do "Blumenauer Zeitung". Êste, colocara-se ao lado dos conservadores e o outro no dos liberais.

—————★—————:

O MAJOR AFONSO DE ALBUQUERQUE MELO, nomeado diretor da colônia militar Santa Tereza, fundada pelo decreto 1266, de 8 de novembro do ano anterior, chega a 14 de janeiro de 1854 às margens do Trombudo, para lançar os fundamentos da empresa, em companhia de 19 soldados. Vieram depois outros colonos. Verificada, porém, a impropriedade do local escolhido, seguiram êsses colonos mais para diante, instalando-se próximo às margens do Itajaí do Sul, no local depois conhecido por Barracão (hoje Catuíra), que se tornou a sede da colônia.

MEMÓRIAS DE UM IMIGRANTE ARTESÃO FEITO COLONO

Peter SCHELLE

A margem direita do pequeno "Alto Rafael", da colônia Hamônia — que razões chauvinistas batizaram, mais tarde, por Dalbérgia e, depois, Ibirama — estabeleceram-se cinco famílias, em lotes de que, mediante pequeno adiantamento, receberam títulos provisórios, livres de impostos e de juros durante dois anos. Terminado esse prazo, deveriam pagar quatro mil réis de "impôsto de fogo".

Duas famílias, que já tinham derrubado uma pequena roça, regressaram logo à Europa, enquanto as outras três, depois da queimada e limpeza das derrubadas, construíram rancho nas medidas habituais de 6 x 4 x 2,5 metros.

Somente parte desses imigrantes persistiram na empresa, seis ao todo, inclusive crianças, que ainda ali estão estabelecidos.

Quem se propõe a emigrar, deve resolver isso de própria iniciativa. Só os que estiverem habituados a trabalhos físicos pesados, homem ou mulher, e dispostos a toda sorte de sacrifícios, nos primeiros anos, terão possibilidades de chegar a uma relativa abastança.

O colono é o seu próprio patrão e o seu próprio empregado. O empregado deverá trabalhar tanto que o patrão possa ter algum lucro.

Operários de fábricas, artesãos e outros que tais, acostumados a receber, regularmente, o seu salário, dificilmente se adaptarão. Na roça, os fatores responsáveis por uma boa produção são a natureza, o esforço e o capital.

Isso ficou comprovado com as duas linhas coloniais do "Rafael", ocupadas por russos-alemães, que eram todos lavradores. Eles povoaram o "Alto Rafael", em ambas as margens e lá estão, ainda hoje, ocupados em rendosos trabalhos agrícolas.

De um modo geral, pode-se afirmar que elementos já proletarizados, isto é, que recebem salários regulares, ordenados semanais ou mensais, que vivem, como se diz, "da mão para a boca", não se prestam para o trabalho das colônias.

Hamônia contava, em dezembro de 1905, com 1.500 habitantes e, em 1906, ganhou a primeira estação telegráfica. Por ocasião desse acontecimento, foram transmitidos despachos de agradecimentos e votos de congratulações ao então ministro da Viação e, depois, ministro do exterior, general Lauro Müller e ao governador Pereira e Oliveira, o qual, pouco depois, fez, pessoalmente, uma visita à colônia.

A H.K.G. (Hanseatische Kolonisation Gesellschaft) era uma empresa privada e as opiniões sobre a mesma, pró ou contra, eram discutidas, calorosamente, entre os colonos. Os homens que a administravam, não tinham situação muito agradável. Estava-se na época das "ligas de colonos". Os moradores esforçavam-se por melhorar a sua posição, pouco satisfatória. Mas de que maneira? Em primeiro lugar, naturalmente, pela colocação da produção. Mas, os métodos de produção ainda ensaiavam, aqui, os primeiros passos. Depois, vinha a aquisição de gêneros necessários por um preço mais baixo. Mas, a maioria não possuía dinheiro algum, ou muito pouco, apenas. Quem andasse de chinelos, já poderia se considerar bem situado. Os que andassem de botas, então, podiam dizer-se ricos.

Isso lembra-me o que dissera o dr. Wetzstein, no livro que escreveu, que os blumenauenses já tinham boas residências, com bons móveis e melhor comida, no entanto, dentro de casa, as mulheres andavam descalças.

Um outro impulso seria a importação de sementes e plantas, por parte da direção, para que se criassem novos produtos de exportação. É verdade que a diretoria da H.K.G. tomou providências para a organização de canteiros para sementeiras, mas tudo resultou em insucesso.

Um agricultor conseguiu retratar a situação nêstes versos:

"Liebe Leute, lässt Euch raten

Pflanz Bataten

(Boa gente, tome um conselho: plante batatas!)"

Outros campos de ação foram tentados. Mas os vendistas possuíam ainda menos que os colonos. Por fim não tinham, também, crédito algum. Encontravam-se muito indviduados com os comerciantes de Blumenau.

Até a conclusão da estrada de ferro, os negócios se resumiam na troca de mercadorias. O sistema era simples. Primeiro vinha a pergunta: "Que é que trazes?" para depois seguir-se a outra: "Que é que queres?"

A H.K.G. distribuiu, a todos os que desejavam emigrar para o Brasil, prospectos com informações que eram bem verdadeiras, não há dúvida. Mas é que ninguém as tomava na devida consideração e, disso, certamente, a companhia não tinha a culpa.

O negócio de trocas e fiado, durante muitos anos, foi o único que predominou em todo o distrito de Blumenau, a que Hamônia também pertencia, mas como a êle os novos imigrantes não estavam acostumados, viam-se frente à situação bem embaraçosa. Queria-se negociar a dinheiro, mas a nova colônia ainda era muito jovem para aceitar tão revolucionária idéia. Tratava-se de uma evolução, para a qual a colônia não estava preparada.

Além do mais, a imigração em Santa Catarina tornava-se muito problemática. Em 1904, por exemplo, chegaram, apenas, 296 pessoas e, em 1905, só 200. Também no Rio Grande do Sul, em 1904, só chegaram 400 imigrantes e em 1905, só 119. Para todo o Brasil vieram, em 1905, apenas 333 pessoas, enquanto que, nesse mesmo tempo, emigraram para a América do Norte, nada menos de 26.005 pessoas.

Falando em imigração tão morosa, tão escassa, lembro um relatório do diretor da colônia, José Deeke, de 31 de dezembro de 1909, segundo o qual a população de Hamônia, incluídos os aqui nascidos, era de 1846 almas. Ele adianta que o índice de crescimento fôra muito fraco; em 1905, havia 1500 pessoas e, em 1909, êsse número era de 1846 pessoas, de sorte que o acréscimo da população fôra, em 4 anos, de, apenas, 346 pessoas. De novos imigrantes entraram 17 famílias, com 66 pessoas, mas, 23 famílias, com 74 almas, deixaram a colônia. Naquele tempo, espalhavam-se estrondosas propagandas de imigração para a Argentina e para o Chile (Colonização Schroeder).

Acontecera, porém, que das colônias mais antigas de Blumenau, 34 seguiram para a nova Hamônia e ali se estabeleceram.

No ano citado, foram vendidos 82 lotes rurais e 8 lotes urbanos. Desde o começo da colônia já havia sido vendidos 1076 lotes rurais e 134 urbanos, ou seja, 32.444 hectares dos 174.874,1 de que a Companhia dispunha. Êsse relatório de José Deeke era, sem dúvida, auspicioso, embora traduzisse grande vagar no desenvolvimento da colônia.

A transformação, para melhor, deve-se, em primeira linha, à construção da estrada de ferro, que trouxe dinheiro para a colônia, com que os agricultores poderiam ser pagos dos seus trabalhos e dos seus esforços, trazendo, igualmente, perspectivas mais risonhas para o futuro.

Antes da nossa partida para cá, dissera-nos o diretor W. Sellin, na Casa Hanseática, em Hamburgo: "Já entramos em entendimentos com o Estado de Santa Catarina, no sentido de conhecermos o montante das despesas do custo da construção, para que a firma construtora fique habilitada a contratá-la. Seis grandes firmas bancárias já se manifestaram, favoravelmente, ao fornecimento do capital necessário".

Sellin afirmou que Santa Catarina teria tóda a vantagem no empreendimento planejado pela H.K.G., sem qualquer obrigação da sua parte.

O preço da nossa passagem transatlântica era demasiadamente elevado, acrescido ainda do nosso completo desconhecimento da situação existente na terra para onde seríamos transportados. Por duas pessoas, 250 marcos, de Hamburgo até São Francisco e mais 100 marcos até Hamônia.

Sellin dizia-nos então: "Quando vocês chegarem ao lugar do destino, vão achar o preço bem barato; eu já estive no rasil e vivi muitos anos no Rio Grande do Sul, por isso sei o que digo."

Afinal, a H.K.G. fôra, também, fundada, e principalmente, tendo em vista o preço das passagens de navio, e assegurava-se, desde o princípio do seu desenvolvimento, um lucro sempre crescente.

Se a gente imaginar tudo quanto, mais tarde, caiu sôbre a Alemanha e o que, com o emigrarmos, poupamos à nossa família, certamente poder-se-á falar em passagem, realmente barata.

O lugar que nos foi designado, certamente não foi muito bom, pois, do contrário, não teríamos ficado, com o abandono dos outros imigrantes, apenas em três colonos solitários.

Pelos constantes sobressaltos que nos causavam os índios, os trabalhos na roça e no mato se tornavam sempre mais perigosos e inseguros. Por isso, eu e minha mulher e as crianças fugimos do "Rafael" e estabelecemo-nos em Hamônia, onde eu poderia exercer, com mais facilidade, a minha profissão.

Foi assim que terminou a aventura de cinco famílias e seis solteiros que se haviam arvorado em pioneiros nas derrubadas das matas virgens do centro de Ibrama.

Três anos depois de termos abandonado aquela zona, os bugres atacaram o estabelecimento que aí, em "Alto Rafael", os alemães-russos haviam fundado, e mataram o bravo Roberto Blaetz.

A construção da estrada de ferro foi, por tudo isso, para toda a colônia, um motivo de grande satisfação.

Ficamos na sede de Hamônia. Passaram-se as prementes necessidades de dinheiro e as dívidas de terras e seus juros foram todos sendo pagos, o salário aumentava: de 2, passou a 8 e 12 mil réis — para um simples trabalhador e por dia.

A 1.º de outubro de 1909 a primeira locomotiva atravessava a ponte, na Subida. Em 1930-31, o trecho de Hansa a Hamônia foi concluído pelo engenheiro Joaquim Breves, eliminando-se, assim, a distância de 4 quilômetros na última estação à sede de Hamônia.

Um hóspede desagradável surgiu com a construção da estrada: o surto da malária. Os trabalhadores para a construção da estrada de ferro tinham vindo de toda parte: eram italianos, austríacos, alemães que já haviam trabalhado em muitos outros lugares do país e que traziam, consigo, o germen latente da doença, espalhando-o, depois, por toda a colônia, até às mais escondidas "tifas".

Antes, essa febre era desconhecida aqui. Depois, a miséria, por ela provocada, tornou-se clamorosa. E até hoje ainda não está completamente debelada.

O médico da firma construtora mostrava-se impotente ante o mal e a substituição de médicos, no Hospital de Hamônia, tornou-se providência comum. A triste situação de Hamônia ecoou também na Alemanha. O médico, dr. Deneke, que nos visitou uma vez, arranjou-nos, não apenas uma irmã enfermeira, muito prática, mas também instrumentos cirúrgicos, microscópio, mesa de curativos, etc., tudo gratuitamente.

Outro transtorno, que poderia chamar-se o "caminho do calvário de Hamônia" era a sua via de comunicação com os outros centros do Estado e do país. Constituía ela um sério problema que, por evidentes razões, não podia ser facilmente solucionado. Lá fora ninguém queria ser molestado por isso.

Em virtude da intervenção do dr. Paulo Aldinger, o fiscal nomeado pela administração de Blumenau (1904), Oto Wehmuth, tentou encurtar o caminho para a colônia e fazê-lo mais em baixo, para aqueles tempos, o custo seria exorbitante, de sorte que o projeto não passou disso. Ficou dormindo.

No comêço de julho de 1906 ficou pronta a primeira capela e os padres católicos, seguidamente, a visitavam, pernoitando em nossa casa. E a conversa mais comum, que sempre vinha à tona, era sobre o péssimo caminho de ligação do Morro do Coxo que, nos dias de chuva, escorregava como sabão e que, pelos seus acidentes, pelos precipícios que contornava, era uma verdadeira "estrada suicida".

Numa dessas conversações, o Padre Leto, sugeriu que se falasse com os católicos que vinham de Subida, para as missas, para que os mesmos indicassem o caminho por onde vinham, margeando o rio. Resolvi acompanhá-los na primeira oportunidade. As imediações de Subida, na margem do rio Hercílio, são muito acidentadas, com perigosos precipícios, de sorte que era opinião geral que, por aquêle lado, não se poderia abrir um caminho carroçável, satisfatório.

Numa reunião dos colonos, ficou constatado que, pela estrada através do Morro do Coxo, não seria viável o transporte, nem mesmo de dez sacos de milho de uma vez, pelo que se resolveu constituir uma comissão de cinco pessoas que fôsse se entender com a direção da Companhia. Essa comissão, porém, não foi recebida, pois, havia, certamente, outros interesses em jogo, que impunham

a passagem pelo Coxo, a fim de valorizar outras glebas de terras. Mas, afinal, prometeu-se que se faria o novo caminho, tão logo ficasse evidenciada, pela sua exploração, a sua viabilidade e que o seu custo não fôsse exagerado.

Com a ajuda material de muitos colonos que haviam adquirido sítios no local, deu a H.K.G. começo à construção do novo caminho, pela margem esquerda do Hercílio. Infelizmente, a enchente de 1911 danificou grande parte do que já se havia feito. O princípio, porém, estava dado e a estrada já podia ser utilizada pela metade.

Todos quantos visitavam Hamônia eram postos ao corrente da necessidade de se terminar essa via de comunicação e a primeira autoridade a prometer a sua realização pelos cofres públicos, foi o dr. Victor Konder (1912), que conversou comigo a respeito.

Transmiti o resultado dessa conversa ao sr. Hermann Aichinger que se prontificou a financiar a empreitada. Foi feito um contrato com o governo do Estado, no qual ficou assentado que se faria a abertura imediata de um picadão de um metro de largura, até a atual ponte. Intrigas de pessoas que defendiam outros interesses, passaram a dificultar a empresa, até que, um dia, veio um telegrama do dr. Konder, mandando suspender os trabalhos. O sr. Aichinger nunca foi indenizado do que gastou.

Em agosto de 1931, visitou-nos o general Ptolomeu de Assis Brasil, a quem o autor destas linhas chegou a conhecer no Hotel Berg. Esse militar, natural do Rio Grande do Sul, e interventor federal em Santa Catarina, demonstrou o maior interesse pelo novo projeto, tendo conseguido passar, de automóvel, pelo caminho mal transitável. Depois, o operoso prefeito de Blumenau, Antônio Figueiredo, tomou a si a iniciativa de concluir a atual estrada.

A H.K.G. era, segundo se dizia, uma empresa comercial, mas não tinha interesse no progresso da Colônia. O que existe, pode-se dizer, que é consequência da indústria da extração da madeira da região e da operosidade dos colonos que ajudaram a desenvolver o comércio e as indústrias, mas, de fora, ninguém se interessava e um dos acionistas da organização que, certa vez, nos visitou, manifestou, claramente, o pensamento de que pouco se lhe dava e aos demais acionistas da H.K.G. que o empreendimento fôsse por águas abaixo.

Assim, para encurtar conversa, uns poucos de colonos demonstraram mais dedicação à empresa do que os próprios que a fundaram. E, para sermos francos, durante todo o período da sua duração, 34 anos, de 1897 até 1931.

Construída a estrada, o trânsito para a outra margem do rio era feito em pequena balsa, bem imprópria. Os moradores das imediações, construíram, então, uma ponte baixa, que, em grande parte, foi financiada por Hermann Aichinger, mas isso foi solução muito precária, principalmente nas épocas das enchentes.

No governo do dr. Nereu Ramos foi, nas imediações de Subida, construída a ponte atual, livre de enchentes e, mais tarde, o governador Irineu Bornhausen mandou edificar a outra ponte, na sede de Ibirama.

Isso tudo constituiu, realmente, um grande alívio dos trabalhos por que passamos durante os 42 anos de primitivismo administrativo.



O dr. Guilherme Eberhard, que foi o primeiro agente do Correio de Blumenau era químico. Em 1868 êle mudara-se para Destêrro, e trabalhou na farmácia do boticário Luiz Edmundo Horn, tendo, nessa ocasião, feito a análise das águas que eram vendidas à população da capital. Voltando, depois, a Blumenau, aqui também abriu uma farmácia. Nomeado agente do correio, faleceu no exercício desse cargo e foi substituído por seu filho Paulo, que também exerceu o cargo por toda a sua existência. A primeira agência do correio situava-se, mais ou menos, onde está atualmente a "Casa do Americano". Depois mudou-se para um prédio que existia onde está, hoje, a Auto-mecânica Alfredo Breitkopf até que, no governo Curt Hering, passou para o prédio em que ainda se encontra e que foi construído, por aquêlê saudoso blumenauense, especialmente para essa repartição.

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

NOVEMBRO DE 1960

1º — O jornalista L. Reis dedica no jornal "A Nação" uma crônica aos componentes do Corpo de Bombeiros local, dizendo do reconhecimento de que são merecedores por parte da população blumenauense, pelo pronto atendimento nos mais diversos setores de serviços. Na recente calamitosa ocorrência do envenenamento de milhares de peixes no ribeirão Velha, foram novamente os bombeiros encarregados dos serviços de limpeza, recolhendo e enterrando os peixes mortos.

4 — O benemérito e benquista Juiz de Direito da 1.ª Vara da Comarca de Blumenau, publica no jornal "A Nação" considerações sobre atos recentes do Governo do Estado, desprestigiando a nossa Comarca, como a comuna em geral, dizendo que, dando Blumenau a maior contribuição para os cofres do Estado este retribui com melhoramentos cujos benefícios escoam para outras paragens.

Foi o que aconteceu com o recente desmembramento dos municípios de Gaspar e Pomerode da nossa Comarca, que não veio a desafogar o volumoso serviço no Fórum de Blumenau, sendo a quase totalidade dos feitos e ações em andamento, originários do nosso município, cuja pujança econômica e sempre crescente desenvolvimento se refletem em difíceis, importantes e numerosas demandas, exigindo o máximo de trabalho e sacrifício dos seus magistrados. Criando, agora, nova Vara para as comarcas de Joinville, Florianópolis e Lajes, a de Blumenau não foi incluída, passando a figurar, assim, entre as comarcas de segunda categoria do Estado.

4 — Na sede da S.R.E. Ipiranga, Itoupava Seca, reunem-se os membros dos Rotary Clubes de Blumenau, como representantes do

Lions Clube local, para a entrega de Cr\$ 95.000,00, quantia angariada pelos três clubes em conjunto, como auxílio para a manutenção da Orquestra sinfônica do Teatro "Carlos Gomes", comparecendo representantes desta entidade nas pessoas dos senhores Willy Sievert, Presidente da Sociedade, maestro Heinz Geyer, regente da orquestra e Ingo Hering, presidente do Departamento Cultural. Após a palavra dos presidentes dos respectivos clubes, fala o sr. F. C. Allende, em nome da Associação de Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí.

7 — Novo horário, beneficiando a região, instituído pela VARIG, entra em vigor, com a partida de um avião às 8 horas da manhã diariamente, do Aeroporto Victor Konçer, de Itajaí, ao Norte.

7 — "Ao correr da pena" — é nova coluna no jornal "A Nação", que se ocupa de assuntos locais, tecendo considerações e apontando falhas da administração municipal, e abordando outros fatos de interesse da coletividade blumenauense.

9 — Verba de 250 milhões foi liberada, segundo notícia na imprensa local, para obras do plano de defesa contra as enchentes do Vale do Itajaí, tendo sido determinada pelo D.N.O.S. já a concorrência pública para serviços de sondagens geológicas dos locais onde serão construídos os desvios dos respectivos rios.

9 — O jornal "A Nação" transcreve o Decreto n.º 1160, publicado no Diário Oficial do Estado em 17-10-60, criando um Grupo Escolar no bairro de Velha Central, da nossa cidade, que terá a denominação de "Grupo Escolar Hercílio Deeke".

10 — O sr. F. G. Busch Junior, Prefeito Municipal de Blumenau, encontra-se hospitalizado com forte gripe que o prende no Hospital Santo Antônio, por vários dias.

11-27 — O jornal "A Nação" publica as entrevistas mantidas com os srs. Hercílio Deeke, prefeito eleito de Blumenau e Frederico G. Busch Junior, prefeito atual, cuja gestão terminará a 31 de janeiro vindouro, tendo o primeiro feito exposição dos problemas administrativos aos quais pretende dispensar solução imediata, enquanto o sr. Busch fez declarações sobre o aspecto pouco animador do setor financeiro da Prefeitura abalado por vultosas obras, como o asfaltamento da Rua Amazonas e outras iniciadas, em vista de um empréstimo da Caixa Econômica Federal, cujo pagamento fôra determinado pelo Presidente da República, mas mesmo assim, não realizado, constituindo-se o financiamento das respectivas obras em ônus desastroso para o tesouro municipal, nem resolvendo mais a situação se fôsse pago agora, tendo-se verificado no setor econômico do país, nestes anos, uma alta sem precedentes.

11 — Outra notícia interessante constitui a primeira informação sobre os dados do Censo realizado em Blumenau: 33.331 habitantes na zona urbana e 12.359 na zona suburbana. Não terminado ainda o Censo no distrito de Vila Itoupava, não existe o resultado oficial do município todo, que supõem se passe da casa dos 60 mil.

11 — Informa "A Nação" que um cidadão pretendeu dotar a filha recém-nascida com o nome de "Gala", proposta não aceita pelo escrivão do registro civil e, igualmente, pelo Juiz de Direito consultado por este. Cientificados da recusa, os pais da crianças "fincaram pé", não desistindo do nome escolhido. Quem conhece a gíria dos descendentes de alemães da região, naturalmente compreende que o nome escolhido para a menina, pronunciado por eles,

"Gala" ou "Câla" é o nome "Carla", em português ou alemão corretos.

12 — Referente a um rapaz mudo que percorre a cidade, pedindo donativos para a aquisição de um barco de pesca, tendo a seu encargo a manutenção da mãe viúva e vários irmãos menores, esclarece a imprensa que o padrastrô cortara a língua do menino quando este teve dois anos de idade apenas.

12-15 — É realizada a segunda exposição do ano de orquídeas e outras plantas exóticas, novamente no inacabado Edifício Peiter. O ambiente florido, mormente nas tonalidades liláceas e amarela, é visitado por centenas de pessoas que, com entusiasmo, admiram as maravilhas da natureza e a arte e o bom gôsto dos arranjos.

19 — A Academia de Acordeon Beckhauser realiza um festival de fim de ano, perante numerosa assistência que lota, por completo, o grande salão de concerto do Teatro Carlos Gomes.

24 — Sobre as verbas do Plano de Obras e Equipamentos para o ano de 1961 faz o representante do Vale do Itajaí na Comissão Executiva daquela entidade, Dr. Julio H. Zadrozny, declarações ao jornal "A Nação", dizendo que dos 580 milhões de cruzeiros que serão aplicados em todo o Estado, foram 119 milhões destinados para o setor rodoviário (estradas Curitiba-nos — Itajaí e Ituporanga — Rio do Sul) e 40 milhões para energia elétrica (na nossa zona para a instalação de uma subestação em Ilhota).

25 — A Sociedade Amigos de Blumenau se reúne no Teatro Carlos Gomes, para deliberar sobre a alteração nos seu estatutos, medida apontada na reunião anterior, quando, em animadas discussões, a maioria dos presentes opinou que uma entidade com o respectivo nome, não deveria limitar-se no setor histórico-cultural, com o objetivo único da construção da já iniciada "Casa Dr.

Blumenau" onde seria instalado o Arquivo Histórico do Vale do Itajaí, com respectivo museu e a já existente Biblioteca "Dr. Fritz Müller". Apontaram os oradores a necessidade da sociedade tornar-se "amiga" de fato de Blumenau, empenhando-se em favor de todos os assuntos básicos da comuna Blumenauense e do Vale do Itajaí, e, se para tal não achar-se habilitada pelos estatutos, a modificação dos mesmos.

25 — "Dia de Santa Catarina". É feriado escolar e ponto facultativo nas repartições públicas.

25 — No recinto de um ônibus de Itoupava Seca ocorre um acidente de arma, saindo feridos dois soldados do 23 R.I., quando estavam experimentando a mesma.

28 — Na Sessão da Câmara Municipal é aprovado o processo de prestação de contas do governo municipal do exercício de 1958, baseado no resultado da sindicância, efetuada a requerimento de vereadores da oposição.

29 — As chuvas fortes no litoral catarinense atingem Blumenau em chuviscos menos intensos. O nível do Itajaí-Açu sobe consideravelmente, assustando a população dos bairros baixos da cidade, porém as chuvas cessam antes de se realizar a ameaça do flagelo de inundação.

30 — Pelo 25.º Jubileu Sacerdotal de Frei Odo Rosbach, O.F.M., professor de ciências físicas, ecônomo e secretário do Colégio Santo Antônio, aparece uma homenagem no jornal "A Nação", realçando o acontecimento e a pessoa do sacerdote e professor do exemplar instituto de instrução, que, há

muitos anos, funciona sob a direção de Frei Ernesto Emmendoerfer, O.F.M.

Durante o mês desapareceram pessoas de destaque da comuna blumenauense:

15 — Sr. Ernst Johannes (Hans) Kegel, sócio e alto funcionário da firma Livonius S.A., casado na tradicional família Gross. Semanas depois falece o irmão mais velho, Sr. Rudolf Kegel, industrial estabelecido na cidade de Timbó.

17 — Professor Carlos Neufert, progenitor do Dr. Gerhard C.F. Neufert, engenheiro da indústria "Eletro-Aço Altona". Tendo ocorrido o desenlace no vizinho Estado do Paraná, o corpo foi trasladado para esta cidade e sepultado no cemitério do bairro de Itoupava Seca.

6 — O falecimento da Vva. Catarina Molinari Prosdócimo, em Curitiba, que, meses atrás, ainda compareceu às festividades de lançamento da pedra fundamental de novo prédio da firma nesta cidade, tem repercussão na sociedade local.

No decorrer do mês suicidaram-se duas pessoas: um jovem, por enforcamento e uma mocinha, tomando formicida. Um terceiro candidato, que, num bar, onde estava tomando refresco em companhia de uma prima, quebrara uma garrafa, cortando o pulso com os cacos de vidro, foi salvo.

A temperatura, durante o mês, foi bem elevada, em determinados dias, ocorrendo, entretanto, quedas bruscas, após chuvas, e alguns dias agradáveis, antes da nova elevação de temperatura, com dias abafados, de forte mormaço.



O primeiro juiz municipal e de Órfãos de Blumenau foi o dr. Francisco Martins Fontes, que chegou a esta cidade em princípios de 1883. Nessa ocasião, Elesbão Pinto da Luz foi nomeado Escrivão e Tabelião. Em março desse mesmo ano, realizou-se a primeira sessão do Júri.

Empresa Industrial Garcia S. A.

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina

Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906/Garcia

Enderêço Telegráfico: "Garcia"

Caixa Postal N.º 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE

TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO

TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA — LEN-

ÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS CRE-

TONES E OUTROS TECIDOS

PÁTRIA - COMPANHIA BRASILEIRA DE SEGUROS GERAIS

FUNDADA EM 1945

Matriz: ITAJAÍ — Santa Catarina
Edifício INCO — 3.º andar.

OPERA EM SEGUROS CONTRA FOGO, TRANSPORTES E
ACIDENTES PESSOAIS

Diretoria :

IRINEU BORHAUSEN — Diretor Presidente
GENÉSIO MIRANDA LINS — Diretor Superintendente
OTTO RENAUX — Diretor Vice-presidente
HERCÍLIO DEEKE — Diretor Tesoureiro
DR. EDUARDO SANTOS LINS — Secretário Geral.

Administração :

Alípio Carvalho do Amaral — Gerente Geral
Carlos O. Seara — Gerente Executivo
João Amaral Pereira — Assistente Geral

REPRESENTAÇÕES :

SUCURSAL DO RIO DE JANEIRO: Rua Visconde de Inhaúma
13.º andar. — Gerente: Walter Miranda Mueller.

SUCURSAL DE SÃO PAULO: Edifício INCO — Rua Miguel
Couto, 38 — 3.º. Assistentes: Cyro Pires Drumond
e Vicente Mateus Amorim.

SUCURSAL DE CURITIBA: Edifício INCO — Rua Monsenhor
Celso, 36 — Procurador: Dênio Leite Novaes.

FILIAL DE PÓRTO ALEGRE: Edifício Itapiru — Gal. Andra-
de Neves, 155, conjunto 113 — Procurador: Paulo da
Rocha Gomes.

UMA SEGURADORA CATARINENSE A SERVIÇO DO BRASIL
REPRESENTAÇÃO DE BELO HORIZONTE: Sociedade Minei-
ra de Imóveis e Representações Ltda. — Rua dos Cae-
tês, 186 — Sobreloja — Belo Horizonte.